

Parque ecológico

Maiores área verde da Maré busca melhorias **Pág. 3**



Elisângela Leite

Show

Celebração da Consciência Negra com Abel Duêrê, jongo e roda de samba na Lona **Pág. 14**



Divulgação

PARTICIPE !

Envie sua foto, conto, poesia, piada, desenho, grafite. **OU O QUE VOCÊ QUISER** para o Espaço Aberto **Pág. 16**

Programe-se!



Programação **Pág. 15**

Megaeventos para quem?



Elisângela Leite

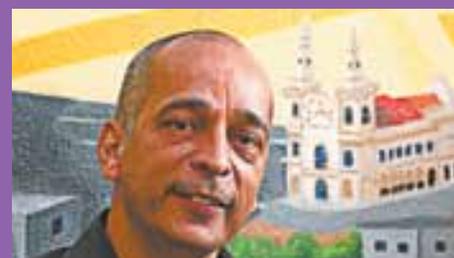
Diálogo com a população afetada pelas obras e transparência sobre os gastos públicos foram as principais reivindicações citadas pelos participantes do seminário “A Cidade dos e para os Megaeventos Esportivos: Muros, Remoções e Maquiagem Urbana”, ocorrido na Lona da Maré, em 30 de setembro. A pesquisa “Os muros do invisível”, divulgada no evento, apontou que três em cada quatro moradores da Maré acham que a barreira das vias expressas foi construída para esconder a favela; e três em cada quatro usuários da Linha Vermelha são contra muros cercando favelas. **Pág. 08 a 11**

Invasão de arte

De 26 de novembro a 18 de dezembro, a Nova Holanda e o Parque Maré receberão intervenções de 15 artistas contemporâneos de vários estados. O projeto “Travessias” será a primeira atividade do Centro Cultural Bela Maré, que funcionará num galpão da Rua Bittencourt Sampaio, próximo à Av. Brasil. **Pág. 12 e 13**



Divulgação / Observatório de Favelas



Favela visível

Jaílson de Souza e Silva, fundador do Observatório de Favelas, fala sobre os avanços da condição do morador de favela, integrado à cidade. **Pág. 04 a 06**

Falca democracia nesta cidade

Como os grandes jornais e tevês apresentam a Copa 2014 e as Olimpíadas 2016 como uma oportunidade que se abre para o Rio de Janeiro, decidimos perguntar: oportunidades para quem? Segundo os participantes do seminário promovido na Maré, os megaeventos são bons para as empresas – especialmente para as empreiteiras que tocam as obras com dinheiro público – e para a Federação Internacional de Futebol (Fifa).

Não há espaço para debater quais projetos seriam prioritários, a partir da visão da maior parte da população, que quer ser ouvida. Afinal, vivemos numa democracia e os gastos são públicos, ou seja, o dinheiro investido na reforma do Maracanã e em tantas obras de interesse discutível vem do pagamento de impostos e taxas. E neste país quem mais paga imposto, proporcionalmente à sua renda, é o trabalhador. Nada mais justo do que perguntar a essa maioria o que ela deseja. Leia mais sobre o tema nas páginas 8 a 11.

Mas há luz no fim do túnel. Se sobre os megaeventos o diálogo é nulo, em outras áreas vê-se avanços que apontam a inclusão dos moradores de favelas como integrantes da cidade, conforme avalia o fundador do Observatório de Favelas, Jaílson de Souza e Silva, em entrevista publicada a partir da página 4.

Esta edição tem muito mais: Parque Ecológico na pág. 3 e cultura de montão a partir da pág. 12.

Boas reflexões e boa diversão!



cartas

Trabalhadores da Maré

As imagens (Ensaio pág. 8 e 9, ed. 17, maio de 2011) mostram que o povo da Maré é muito trabalhador e merece ser reconhecido pela sua força de vontade, como diz o título: “Os que lutam”. O povo da Maré luta muito em diversas profissões: costureiras, pedreiros e pescadores etc. A mídia sensacionalista deixa transparecer que na Maré e em todas as comunidades carentes só têm bandido, e nós que moramos aqui sabemos que não é assim. Os trabalhadores têm de ser respeitados pela sua importância no meio onde moram, pois se pensarmos melhor esses trabalhadores são pessoas como nós e merecem respeito acima de tudo.

Andressa Feitoza e Evania Pereira Lourenço
Escola Mun. Teotonio Vilela, turma: 1801

Bebida alcoólica

Olá. Estou escrevendo esta simples carta para comentar uma matéria muito interessante que li no jornal (Ed. nº 17). A matéria basicamente

informa sobre as várias localidades de tratamento dos Alcoólicos Anônimos, mostrando números e horários, porém também fala do problema que é o alcoolismo. Eu acho que o alcoolismo é uma doença que afeta qualquer pessoa, não importa a idade, sexo e classe social. Tudo isso pode começar com uma simples e talvez inocente “brincadeira” com os amigos no bar e pode acabar resultando num enorme e maldito vício que destrói famílias.

Uma das formas de acabar com isso é tirar de circulação as propagandas de bebidas na TV, pois nelas tudo é MARAVILHOSO: mulher, praia, bebida e curtidão, mas isso pode apenas ser temporário e se tornar um vício horrível. Claro que beber socialmente, ou seja, de vez em quando, não é problema, mas tornar essa prática mais frequente pode levar você de mal a pior. Não estou proibindo ninguém de beber, apenas dizendo para “pegar leve”, e procurar ajuda, se precisar. Bom, nesta carta mostrei minha opinião sobre esse problema, espero que ela renda conversas informativas aos jovens que ainda desconhecem a questão.

Gabriel da Silva Freire
Escola Mun. Teotonio Vilela turma: 1801

HUMOR
André Lucena

RODE
DE LUCENA

Parque ecológico Uma floresta no meu quintal!



Hélio Euclides
Elisângela Leite

Bom lugar de se viver

No meio do caminho havia uma ilha e ela se chamava Ilha dos Pinheiros. Antes de ter a parte baixa aterrada pelo projeto Rio, no início dos anos 1980, o local servia de criação de macacos usados para experimentos da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Em 2000, a parte alta, que ocupa uma área de 44 mil metros quadrados, recebeu da prefeitura a denominação de Parque Ecológico, e junto foi criada a associação de moradores que, além de administrar o espaço verde, representa parte da comunidade que vive da Avenida Canal até a Via B/1, na Vila dos Pinheiros. “É o maior local verde da Maré, pena que os órgãos públicos deixam a desejar”, afirma a vice-presidente da Associação de Moradores do Parque Ecológico, Cláudia Lúcia.

Cláudia relembra com carinho o tempo em que o espaço tinha um horto escola, ocas, banheiros, iluminação e churrasqueiras. Hoje quem passeia pelo lugar vê muitas folhas secas pelo chão e quatro parquinhos destruídos. “Vamos reformar os brinquedos e melhorar o anfiteatro. Aqui é um ponto bom para se ler livro e estudar. Esperamos que o morador adote esse espaço, tenha mais amor”, comenta. Até o final do ano, o Parque terá espécies de árvores replantadas e passará a contar com algumas novidades como coqueiro imperial, pinheiro e pau-brasil.

Um projeto que vai de vento em popa é o das hortas cariocas, onde João Pereira, o Bolado, cuida dos canteiros. São diversos tipos de verduras, legumes e frutas. Têm couve, salsa, cebolinha, abóbora, milho, uva, goiaba, alho, acerola, pimenta, jaca, manga, chuchu, capim santo, erva-cidreira, mastruz e fava.

Uma novidade para o lazer da comunidade é a quadra sintética. “Aqui é tudo de bom, ainda tem essa atividade de futebol para as crianças. Pena que os políticos deixam largado”, reclama o morador Carlos Roberto da Silva. Outro avanço foi a implantação de sete mesas com tabuleiro, onde jovens se encontram para algumas partidinhas. “Geral fica aqui jogando dama, temos que preservar para todos”, destaca o frequentador Thomaz Ribeiro, ao lado do amigo Danilo Garcia.

Já as ruas da comunidade sofrem com o mesmo problema do parque: o lixo espalhado. Cláudia chama a atenção dos moradores que, segundo ela, devem ter mais consciência. Outro ponto de tristeza é a ausência de tampas de ferro dos bueiros de água pluviais. Apesar disso, ela lembra que a comunidade abriga a Escola Municipal Paulo Freire e a Creche Pescador Albano Rosa e ainda é repleta de comércio em suas ruas largas, com saneamento básico razoável e pouco barulho. “Uma boa localidade para se morar”, conclui.



Expediente

Instituição Proponente
Redes de Desenvolvimento da Maré

Diretoria
Andréia Martins
Eblin Joseph Farage
Eliana Sousa Silva
Edson Diniz da Nóbrega Júnior
Fernanda Gomes da Silva (licenciada)
Helena Edir
Patrícia Sales Vianna
Shyrlei Rosendo

Coordenadora de Comunicação
Cecília Oliveira

Instituição Parceira
Observatório de Favelas

Apoio
Ação Comunitária do Brasil

Administração do Piscinão de Ramos

Associação Comunitária Roquete Pinto

Associação de Moradores e

Amigos do Conjunto Bento Ribeiro Dantas
Associação dos Moradores e Amigos do Conjunto Esperança

Associação de Moradores do Conjunto Marcellio Dias

Associação de Moradores do Conjunto Pinheiros

Associação de Moradores do Morro do Timbau

Associação de Moradores do Parque Ecológico

Associação de Moradores do Parque Habitacional da Praia de Ramos

Associação de Moradores do Parque Maré

Associação de Moradores do Parque Rubens Vaz

Associação de Moradores do Parque União

Associação de Moradores da Vila do João

Associação Pró-Desenvolvimento da Comunidade de Nova Holanda
Biblioteca Comunitária Nélida Piñon

Centro de Referência de Mulheres da Maré - Carminha Rosa

Conexão G

Conjunto Habitacional Nova Maré

Conselho de Moradores da Vila dos Pinheiros

Luta pela Paz

União de Defesa e Melhoramentos do Parque Proletário da Baixa do Sapateiro

União Esportiva Vila Olímpica da Maré

maré
de NOTÍCIAS

Editora executiva e jornalista responsável
Sílvia Noronha
(Mtb - 14.786/RJ)

Repórteres e redatores
Hélio Euclides

(Mtb - 29919/RJ)
Rosilene Miliotti
Rosilene Ricardo
(Estagiária)

Fotógrafas
Elisângela Leite

Ilustradores
Felipe Reis
André de Lucena

Projeto gráfico e diagramação
Pablo Ramos

Logotipo
Monica Soffiatti

Colaboradores
Anabela Paiva,
André de Lucena
Aydano André Mota,
Coletivo Favela em Foco
Davi Marcos
Flávia Oliveira,
Imagens do Povo
Observatório de Favelas
Thiago Ansel

Impressão
Gráfica Jornal do Comércio
Tiragem
35.000

Redes de Desenvolvimento da Maré

Rua Sargento Silva Nunes, 1012,
Nova Holanda / Maré
CEP: 21044-242
(21) 3104.3276
(21) 3105.5531
www.redesdamare.org.br
comunicacao@redesdamare.org.br
Os artigos assinados não representam a opinião do jornal.

Parceiros



O que os olhos não veem...

Jaílson de Souza e Silva, fundador do Observatório, contribui para tornar a favela visível

Thiago Ansel

Há dez anos, Jaílson de Souza e Silva, nascido e criado na periferia do Rio de Janeiro, fundava o Observatório de Favelas, organização da sociedade civil com sede no Parque Maré, dedicada à produção do conhecimento e de proposições políticas sobre as favelas. Filho de migrantes nordestinos, ex-morador da Maré e do Quitungo (Brás de Pina), Jaílson construiu um olhar sobre a cidade a partir desses lugares. Por isso, a atuação do Observatório tem contribuído para dar visibilidade aos moradores de espaços populares, questionando conceitos construídos pelos grupos dominantes que sempre falaram sobre esses espaços, mesmo sem ter vivência nesses locais.

Nesta entrevista, Jaílson lembra as razões que levaram à criação do Observatório e cita conquistas e avanços necessários. “Esse é o melhor momento em termos do reconhecimento da condição do morador da favela, onde ele pode ser visto como habitante da cidade – e não apenas da favela como um espaço específico –, onde cada vez mais se fala numa política para a cidade inteira, que incorpore a favela”, avalia ele que, além de coordenador geral do Observatório, é professor da Universidade Federal Fluminense (UFF) e consultor da Organização das Nações Unidas (ONU).



Divulgação / Observatório de Favelas

Maré de Notícias - Por que você criou o Observatório de Favelas?

Jaílson de Souza e Silva - O Observatório é uma organização da sociedade civil que nasceu, há 10 anos, com dois objetivos fundamentais: o primeiro era formar novos intelectuais das periferias e favelas, e o segundo, construir um projeto de cidade que incluísse, de fato, espaços como as favelas. A gente queria que as favelas e periferias falassem mais por si mesmas. Historicamente, sempre foram mais os grupos dominantes que falaram sobre estes espaços, sempre tratando seus moradores como objeto de pesquisa, sempre tratando

a favela a partir de um olhar discriminatório, sempre vendo a favela como espaço da carência, da ausência e da precariedade, como se ela não fizesse parte da cidade.

Então, o Observatório se formou com a perspectiva de questionar esses conceitos e afirmar que favela é cidade. Fundamos o Observatório também na perspectiva de

construir políticas públicas que atendessem aos interesses da maioria da população: moradores das favelas e das áreas periféricas da cidade.

Maré - Qual é a relevância de uma organização como o Observatório ter sede na Maré?

Jaílson - Tradicionalmente, a favela é invisível. Mesmo em algumas iniciativas voltadas para as favelas, existem equipes que atuam na chamada “ponta”, no território, enquanto os núcleos que orientam estas ações se localizam no centro ou na zona sul. Então se estabelece uma relação apenas com a representação da favela. Vive-se no mundo do percebido, mas não no do vivido. Então, a questão é sentir pulsar a favela no seu cotidiano.

Maré - As razões que motivaram a criação do Observatório permanecem?

Jaílson - Nesses 10 anos a sociedade brasileira tem avançado. Isso é indiscutível. Mas ainda tem muito a avançar. O grau de exclusão é muito grande, assim como a desigualdade social, o grau de opressão e a intolerância com a diferença.

Maré - O que ainda precisa mudar?

Jaílson - Existem muitos avanços a serem conquistados no campo das políticas públicas para os moradores das favelas e periferias. Existe toda uma necessidade fundamental de democratização do Estado, de publicização do Estado, de uma verdadeira revolução republicana nesse país, que ainda esta longe de acontecer.



“Mesmo em algumas iniciativas voltadas para as favelas, existem equipes que atuam na chamada ‘ponta’, no território, enquanto os núcleos que orientam as ações se localizam no centro ou na zona sul.”

Maré - Como o Observatório contribui para essas mudanças?

Jaílson - Nesse quadro, o Observatório tem cumprido um papel forte de sempre produzir, formar gente, difundir novas proposições. Isso tudo sem perder a sua autonomia, sem perder a sua credibilidade. A gente não tem um discurso denunciante, simplesmente, de oposição a qualquer custo ao mercado e ao Estado. Sabemos o nosso lugar como sociedade civil, nós sabemos o que queremos e onde queremos chegar. Somos uma voz a mais, uma voz forte, a propor uma cidade mais justa, mais equilibrada, mais fraterna e, efetivamente, mais igual no campo da dignidade humana. Isso muito nos orgulha.

Maré - O que mudou na Maré nos últimos anos?

Jaílson - O que me impressionou na Maré foi sempre a forte mobilização dos grupos locais em torno de questões dos direitos a equipamentos urbanos. Várias instituições aqui presentes conseguiram pautar também outras questões. Hoje, não é só mais uma questão de escola, de posto de saúde, de asfalto, de acabar com os barracos de madeira, mas é também a criação de



AMAMENTAÇÃO: O MELHOR PRESENTE PARA O SEU BEBÊ



Leite materno é garantia de vida saudável. Por isso, não há como pensar em presente melhor para o seu bebê neste mês da criança. É no leite da mãe que estão todas as proteínas e vitaminas que a criança precisa para se proteger de várias doenças.

Mamar ajuda na formação da boca e dos dentes e ainda contribui para uma melhor adaptação da mãe ao pós-parto, além de queimar calorias. O apoio do companheiro, da família e dos profissionais de saúde é fundamental, pois a amamentação é bastante influenciada pela condição emocional da mulher. Além disso, buscar informações e conversar sobre amamentação com outras mães e com profissionais especializados em aleitamento é fundamental.

Nos seis primeiros meses, o leite da mãe é o único alimento essencial, mas, já a partir do sexto mês, a criança pode receber alimentos complementares como sopas, papas e sucos. Ainda assim, é recomendável que a amamentação siga até o segundo ano de vida da criança.

Quem tem muito leite pode procurar o banco de leite mais próximo, para presentear outras mães e crianças com a garantia de um alimento saudável.

HOSPITAL MATERNIDADE OSWALDO NAZARETH
Praça XV de Novembro, 04 - fundos - Centro
Tel.: 21-2224-9012

HOSPITAL DOS SERVIDORES DO ESTADO
Rua Sacadura Cabral, 178 - 2º andar - Centro
Tel.: 21-2291-3131

ZULEIKA NUNES DE ALENCAR
Rua General José Cristino, 87 - 4º andar
São Cristóvão - Tel.: 21-2580-8343

SAIBA MAIS NOS SITES:
www.redeblh.fiocruz.br
www.amigasdopeito.org.br

equipamentos culturais de qualidade, escola e educação com qualidade, segurança pública para todos os moradores, respeito aos direitos humanos, melhoria da qualidade do ar...

Maré - O que significam estas mudanças no contexto mais geral de conquistas dos movimentos que surgiram a partir das favelas?

Jailson - Objetivamente, hoje, a gente está na pauta da terceira geração de direitos. A questão do direito à diferença, de que os moradores sejam respeitados nas suas condições de cidadãos. A questão de trazer cada vez mais bandeiras no campo de ações afirmativas, como reconhecimento da questão da negritude. O reconhecimento do morador de favela a partir de outras características. Então, saiu-se de conquistas de primeira geração, que foram aquelas conquistas básicas no campo da paisagem e da infraestrutura – água, luz e esgoto. Houve também grandes avanços no campo da segunda geração - equipamentos culturais, educacionais e outros tipos. A terceira geração se refere a este reconhecimento da diferença e da condição cidadã dos moradores de favelas. Nisso a gente tem avançado cada vez mais.

Maré - O que você espera para os próximos 10 anos?

Jailson - A representação da favela e de seus moradores foi mudando com o tempo. Tem uma coisa presente desde o início do século passado que é olhar a favela como espaço de potenciais criminosos. Ou seja, como os favelados seriam pessoas não-civilizadas, então seriam também não-cidadãos e assim a favela seria não-cidade. Houve uma fase em que a gente teve, sobretudo com a questão do samba, aquela imagem do “bom favelado”. Depois surgiu aquela outra: a do refém do tráfico de drogas. Mas sempre houve a ideia do potencial criminoso. Hoje, com as

“O que me impressionou na Maré foi sempre a forte mobilização dos grupos locais em torno de questões dos direitos a equipamentos urbanos.”



Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs), temos uma visão que seria a mais próxima daquela em que os moradores de favelas teriam algum direito – coisa que nunca foi afirmada.

Maré - Como essas transformações beneficiam os moradores das favelas e periferias urbanas?

Jailson - Esse é o melhor momento em termos do reconhecimento da condição do morador da favela, onde ele pode ser visto como habitante da cidade – e não apenas da favela como um espaço específico –, onde cada vez mais se fala numa política para a cidade inteira que incorpore a favela. Esse é um grande avanço e é nesse sentido que a gente tem de caminhar. Entretanto, não dá para pensar que a favela pode ser tratada exatamente da mesma forma como se trata o Leblon, pois temos que tratar desigualmente os desiguais. Temos que reconhecer que a favela tem determinadas características que merecem ser levadas em conta.

Aids tim tim por tim tim

O projeto “Afirmado Vozes e Identidade”, que está sendo desenvolvido pelo Conexão G, aqui na Maré, por meio de parceria com o Ministério da Saúde, segue a metodologia Many Man, Many Voices (3MV), aplicada pelo Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) do governo dos Estados Unidos. Em tradução livre, significa: muitos homens, muitas vozes. Aplicada em grupo, o 3MV visa reeducar para que a prática sexual seja feita com proteção.

Sobre a distribuição de medicamentos, Gilmar Santos, coordenador do Conexão G, informa que o governo do estado continua falhando na entrega dos remédios, apesar de o repasse de recursos ter sido efetuado pelo Ministério da Saúde. Ele aconselha os pacientes a procurarem o Fórum de ONGs, que se reúne na última quarta-feira de cada mês, na Associação Brasileira Interdisciplinar da Aids (Abia), para lutar pelos seus direitos (telefone: 2223-1040).

Gilmar aproveita para explicar que o termo “aidético” é pejorativo. O correto é dizer: pessoas vivendo com HIV. Além disso, ele esclarece que até hoje não é fácil para a família aceitar usuários de drogas, gays e portadores de HIV. Ele acredita que manter esses temas em debate contribui para diminuir o preconceito ainda existente na sociedade.



Teotônio Vilela agora tem blog

A Escola Municipal Teotônio Vilela agora tem suas atividades culturais disponibilizadas no blog <http://emteotoniovilela.blogspot.com>. Entre os posts estão fotos do passeio dos alunos ao Pão de Açúcar e da Feira de Cultura 2011.



Quem somos? Quantos somos?

O Censo Maré 2011 será realizado ainda este ano. A seleção dos recenseadores está ocorrendo neste mês de outubro para que as pesquisas possam ser aplicadas junto aos moradores. A pesquisa vai indicar quantos moradores a Maré possui, qual o perfil da população local e quais os principais problemas enfrentados por aqui. O Censo Maré será realizado pela Redes e pelo Observatório de Favelas, com apoio da ActionAid.



Divulgação Thaiz de Lima

Crianças no Maré de Notícias

Alunos das escolas municipais Hélio Smidt, Nova Holanda e Samora Machel e do Instituto Educacional Abraão sabatinaram o jornalista Hélio Euclides, do *Maré de Notícias*, na tarde de 15 de setembro. Acompanhados da professora Thaiz de Lima, as crianças, com idades entre 9 e 11 anos, queriam saber sobre a carreira de jornalista. A atividade, ocorrida na Redes com visita à redação, fez parte da complementação escolar. Acostumadas a ler o jornal em sala de aula, as crianças aproveitaram o encontro para pedir a publicação de quadrinhos, caça-palavras, jogo dos sete erros, histórias infantis, desenho para cobrir, esporte, figura para pintar, entre outras seções de interesse do público infantil. A equipe do Maré vai providenciar.

Brasil pintado pela África

O Ciep 326 Professor Cesar Pernetta realizou, em 13 de setembro, o evento “Brasil Pintado pela África”. Estudantes e profissionais do colégio fizeram trabalhos sobre a origem do negro, com utilização de comidas, danças, cartazes e filmes. O trabalho de pesquisa e a festa foram desenvolvidos com base na lei 10639, de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional e que incluiu no currículo oficial da rede de ensino do país a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. “Tentamos difundir e questionar a nossa cultura, mostrando a história de dificuldade social e preconceito. Nossos alunos estudaram a questão étnica, para o fim da exclusão na sociedade”, comenta a coordenadora do Ciep e do projeto, Celeste Veras.

“É bem legal, pois acaba com nosso comodismo de querer ficar só na sala de aula. Dessa forma, entendemos, corremos atrás e absorvemos o conhecimento e informação”, afirma o presidente do Grêmio Estudantil, Alexandre Santos da Silva. Seu colega, Luciano Bezerra, concorda.

“É uma forma de os alunos se unirem mais. Não temos tudo na mão, aprendemos que a escola é um corpo e cada membro tem que contribuir”, acrescenta o tesoureiro do Grêmio. (Texto: Hélio Euclides)



Por dentro da Maré



No Mês das Crianças, assista à programação do Futura no Cine Especial Infantil!

Estreia do filme: Pele de Asno
12 de outubro, quarta-feira, às 11h

futura

Assista e assista no Canal Futura - Paralela programação virtual 24 - TVs Universitárias em todo o país - NET canal 12 - SKY canal 8 e nas melhores operadoras de Brasil.

O evento é mega... mas a participação É MINIMA!

A preparação do Rio de Janeiro para a Copa 2014 e as Olimpíadas 2016 tem trazido especulação imobiliária, intervenções urbanas e, com isso, violação de direitos. Para contribuir para a mobilização e resistência dos moradores, foi realizado um seminário na Maré, que atraiu 250 pessoas.

Hélio Euclides e Sílvia Noronha

A Lona Cultural Municipal Herbert Vianna, na Maré, recebeu no dia 30 de setembro o seminário "A Cidade dos e para os Megaeventos Esportivos: Muros, Remoções e Maquiagem Urbana". Foram 250 pessoas entre representantes de instituições, lideranças comunitárias, pesquisadores, estudantes, moradores da Maré e de outras localidades, que durante todo o dia avaliaram o impacto da preparação do Rio de Janeiro para a Copa do Mundo de Futebol e os Jogos Olímpicos. Entre as questões mais apontadas pelos participantes está a necessidade de o Estado dialogar com os atingidos pelos projetos que tentam transformar o Rio de Janeiro em mercadoria. O evento foi organizado pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Favelas e Espaços Populares (Nepfe), pela Redes de Desenvolvimento da Maré, em parceria com o Observatório de Favelas e a ActionAid.

privada, 19% foram para segurança e apenas 1% para benefício social. Os Jogos Pan-Americanos de 2007, ocorridos no Rio de Janeiro, aumentaram a desigualdade social e urbana e os gastos da Copa e das Olimpíadas caminham no mesmo sentido", enfatizou.

O coordenador de Direito à Cidade da ActionAid-Brasil, Brian Mier, comparou os preparativos para a Copa da África, ocorrida em 2010, com os do Brasil. Ressaltou que lá o governo escondeu a pobreza, e que o muro aqui é também o início de um processo de exclusão. "O emprego é o discurso, mas quando a Copa acaba o desemprego é grande. Se fala que traz riquezas para o país, o que é mentira, basicamente quem lucra é a Fifa (Federação Internacional de Futebol) e empresas", afirmou. Brian, que morava na África do Sul naquela época, contou que muitas famílias mais pobres foram removidas por estarem nas proximidades dos equipamentos esportivos e passaram a viver em locais distantes e sem infraestrutura, em contêineres, chamados por eles de **casas de lata**.

Outro ponto tratado foi a comparação da primeira Copa ocorrida no Brasil, em 1950, com a de 2014. Segundo o pesquisador do Observatório de Metrópoles, Erick Ormena, na preparação para a Copa de 1950 – em pleno Estado Novo (que foi até 1945) – ocorreu consulta popular para escolher o local onde seria construído o Maracanã. O governo, na época, foi impulsionado pela imprensa, que deflagrou campanha para que ocorresse a consulta à população.

Atualmente, não existe consulta popular alguma. Entretanto, segundo Luiz Mário, não há nada que impeça alterações nas obras, tanto que o Engenhão, que custou R\$ 500 milhões, sequer estava previsto para o Pan. Foi decidido posteriormente. O aumento de custo com a reforma do Maracanã, feita com dinheiro público, foi outra preocupação apresentada. Dos iniciais R\$ 300 milhões previstos, a obra já passou para R\$ 1 bilhão. **continua ▶**

Segundo Mauro Iasi, educador popular do Núcleo 13 de Maio e professor da Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), os megaeventos estão a serviço do interesse particular. O negócio não é o esporte, mas a construção dos equipamentos e demais obras que mobilizam as empresas privadas, num processo que passa a falsa impressão de que toda a sociedade será beneficiada.

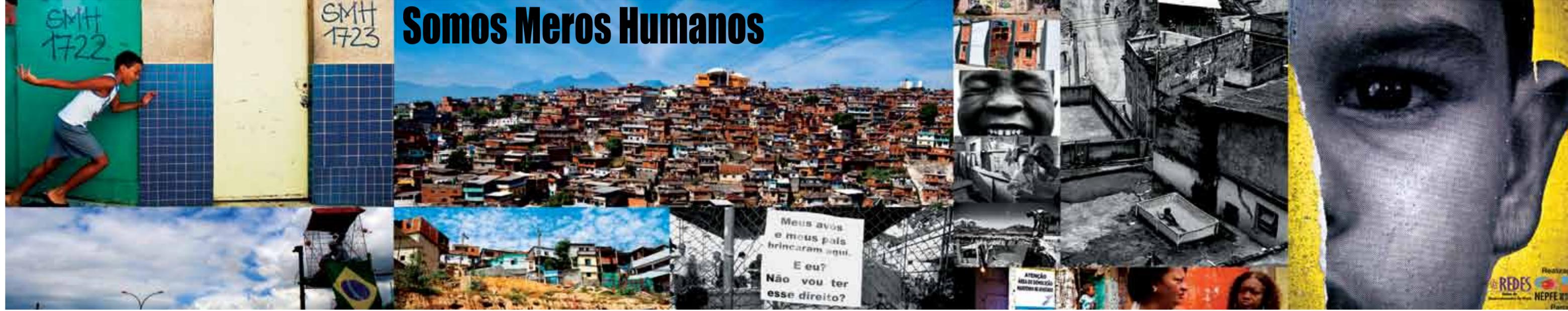
O economista Luiz Mário Behnken, do Fórum Popular do Orçamento do Rio, concorda. "O evento é de cunho privado, feito com verba pública. A iniciativa privada não está gastando nada", frisou. Para preparar a cidade para os jogos Pan-Americanos de 2007, o processo foi igual. Houve transferência de R\$ 2,8 bilhões de recursos públicos para setores econômicos e sociais pertencentes às classes de renda mais altas. "Oitenta por cento dos gastos públicos serviram de subsídio para atividade econômica.

"Vamo batê lata!"

Contêineres usados para "esconder" a população pobre na Copa da África do Sul: casas de lata abrindo espaço para os lucros



Brian Mier



Coletivo Favela em Foco

Painel de fotos do Coletivo Favela em Foco feito para o seminário. Somos Meros Humanos é uma crítica à

SMH, iniciais da Secretaria Municipal de Habitação, que marca as casas a serem removidas na cidade

A prefeitura remove, o mercado agradece

O pesquisador Guilherme Soninho, do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (Ippur/UFRJ), destacou que nesses eventos as cidades são vistas como corporações, e ficam em meio a uma disputa pelo lucro. "O prefeito oferece um cardápio de projetos, com autorizações impróprias, não há regras para o capital, nem concorrência, e sim acordo. Remoções acontecem antes e depois do evento, pois existe a valorização do espaço", explicou ele, defendendo a união dos movimentos populares para o fim da lógica de dominação.

Marcelo Edmundo, da Central dos Movimentos Populares e representante do Comitê Popular da Copa, lembrou que remoções e despejos marcam a história da luta urbana no Rio e que é fundamental a organização prévia das comunidades para o enfrentamento desses processos arbitrários. "Isso ocorreu no Canal do Anil, quando todos decidiram que não iam sair e eles (os governantes) não conseguiram derrubar as casas", contou. Mesmo assim, Marcelo alerta que, além da remoção pelo Estado, cresce a expulsão pelo mercado, ou seja, quando as localidades populares passam por processo de regularização de todas as taxas e impostos, valorizando os imóveis e aumentando o custo mensal com a moradia até tornar inviável para os moradores. "Isso vai acontecer na zona portuária e não se surpreenda que isso vai chegar aqui na Maré", alertou.

O deputado estadual Marcelo Freixo também acha necessário o combate às remoções autoritárias, ao choque de ordem e às barreiras acústicas. "O prefeito é um síndico, e não o empresário que cede a cidade para os grandes negócios. Tem que ocorrer discussão política", enfatizou ele, ao citar a total falta de transparência dos gastos públicos com os megaeventos.

Várias comunidades do Rio estão ameaçadas, entre elas a Vila Autódromo, em Jacarepaguá, por estar situada ao lado de onde o governo pretende construir o Complexo Olímpico, e a favela do Metrô, perto do Maracanã, para dar lugar a um estacionamento. Aqui na Maré, o muro das vias expressas foi a intervenção mais marcante. Além disso, na parte baixa do Timbau, o alargamento da Linha Amarela imprensou os moradores da Praia de Inhaúma, que agora estão a cerca de dois metros da via, conforme reclamou o presidente da Associação de Moradores da comunidade, Osmar Paiva Camelo. "Os projetos para a Maré são decididos sem consulta à população. Eles chegam aqui com o projeto pronto", ressaltou.

Por causa da falta de diálogo do poder público com os moradores, Eblin Farage, diretora da Redes, também destacou a importância do processo de mobilização constante dos moradores, porque agora os problemas decorrem dos megaeventos, mas depois outras razões do capital virão para expropriar os trabalhadores.



Guilherme Soninho, do Ippur/UFRJ, diante da plateia atenta: megaeventos são lucrativos para empresas que disputam as obras públicas;

e os movimentos populares devem se mobilizar contra esse processo de dominação

Fotos: Elisângela Leite



Brian Mier



Luiz Máio



Mauro Iasi



Marcelo Freixo



Marcelo Matheus

Os números da discórdia

A pesquisa, realizada pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Favelas e Espaços Populares (Nepfe) da Redes da Maré, em parceria com o Observatório de Favelas e apoio da ActionAid, revela que três em cada quatro usuários das vias expressas são contrários à instalação de muros cercando as favelas da cidade, a exemplo do que foi feito na Maré e no Caju, com a colocação das chamadas barreiras acústicas. Entre os moradores da Maré, 64% são contrários, porém entre os que vivem às margens da Linha Vermelha, 47% se mostram favoráveis e apenas 42% reprovam a medida, além de 11% que não responderam. Conforme reportagem de capa publicada na edição passada do *Maré de Notícias*, boa parte dos que vivem à beira da via se sente mais protegido e com mais privacidade.

Mesmo assim, a maior parte (73%) dos moradores das comunidades da Maré acha que o objetivo do Estado ao construir o muro foi separar ou esconder a população e a favela (veja gráfico abaixo), e um número pequeno, de apenas 17%, acreditam que a prefeitura e a concessionária Lamsa (que construiu efetivamente as barreiras, através de convênio com o governo municipal) desejavam dar mais qualidade de vida para a população local.

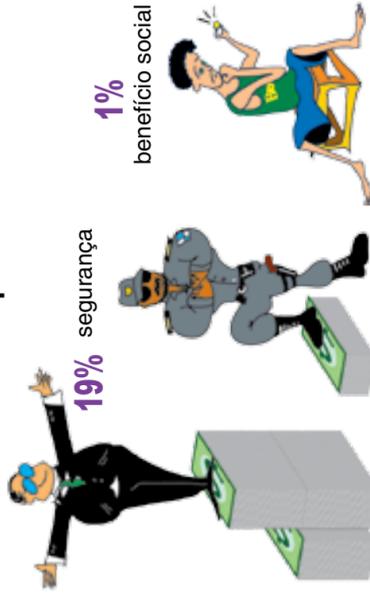
Intitulado "Os muros do invisível", a pesquisa entrevistou 759 pessoas para saber a opinião dos moradores, usuários, vendedores ambulantes e pessoas que trabalham na Maré. Do total de questionários, 271 eram moradores, 422 usuários das vias, 20 ambulantes, 44 pessoas que trabalham (mas não moram na Maré) e dois artistas.

Mesmo com as opiniões críticas reveladas, o trabalho mostrou que 38% dos moradores avaliam a instalação das barreiras como negativas, contra 34% que consideram a ação positiva e 27% que são indiferentes ou não responderam.

Outra curiosidade marca a pergunta que tentou saber como o usuário da Linha Vermelha e o morador veem o outro. A maior parte (61%) dos moradores acha que os usuários avaliam positivamente o muro; ao passo que a maior parte dos usuários (66%) acha que o morador avalia negativamente a barreira.

O Nepfe fez ainda um levantamento das reportagens publicadas na grande imprensa sobre o muro. Das 32 matérias encontradas, apenas cinco apresentavam uma postura crítica em relação ao muro. Todas as outras tinham um cunho preconceituoso, conforme salientaram os coordenadores da pesquisa Eblin Farage, diretora da Redes, e o pesquisador Marcelo Matheus de Medeiros.

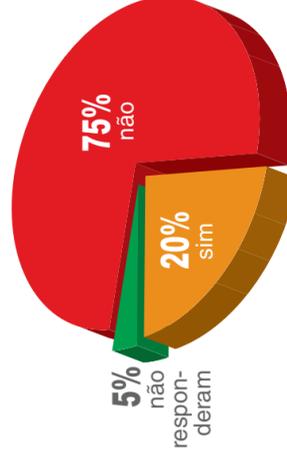
80% subsídio para iniciativa privada



Pablo Ramos

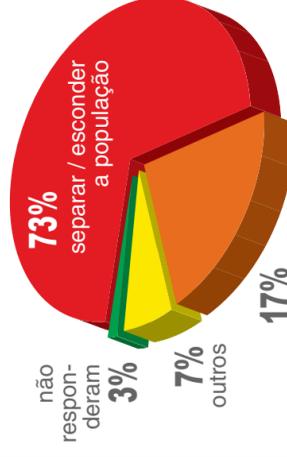
Você é a favor da instalação de muros cercando as favelas?

opinião dos usuários da Linha Vermelha



Qual foi o objetivo do Estado em construir o muro?

opinião dos moradores da Maré



Maior qualidade de vida para os moradores (barreira sonora)

Fonte: Pesquisa "Os muros do invisível"

Nº 22 - Outubro / 2011

Os artistas convidados são os cariocas Alexandre Sá, Coletivo Filé de Peixe, Eli Sudbrack, Marcos Chaves, Michel Groisman e Raul Mourão; os paulistas André Komatsu, Henrique Oliveira, Luiz Zerbini, Marcelo Cidade e Ricardo Carioba; as gaúchas Lucia Koch e Rochelle Costi, o paraense Emmanuel Nassar e o mineiro Matheus Rocha Pitta.



Divulgação / Observatório de Favelas

Fazendo arte na Maré

Projeto Travessias reúne 15 artistas que vão espalhar obras de arte da Nova Holanda ao Parque Maré. Os organizadores do projeto desejam atrair o público de toda a cidade para ver a exposição, unindo moradores de diferentes espaços.

O Bela Maré, galpão na Rua Bittencourt Sampaio próximo à Avenida Brasil, será invadido a partir do dia 26 de novembro, às 16h, por obras de arte feitas especialmente para o local por 15 conceituados artistas brasileiros. Além do Bela Maré – espaço que já abrigou uma fábrica de copos e pratos de papel e hoje está a cargo do Observatório de Favelas –, a exposição de arte poderá ser vista ao longo do percurso da própria Bittencourt Sampaio e das ruas Teixeira Ribeiro, Principal e a Avenida Brasil.

Os artistas farão trabalhos criados especialmente para este projeto e integrados à comunidade. Durante o período da exposição, eles participarão ainda de bate-papos e oficinas com o público. A curadoria é de Daniela Labra, Fred Coelho e Luisa Duarte.

“Travessias” é a primeira atividade do Bela Maré, que se propõe a ser um centro cultural dedicado às

artes visuais na região. A iniciativa é do Observatório de Favelas, com o objetivo de permitir encontros de artistas e população de diferentes espaços da cidade. A ideia é dar visibilidade à Maré, fazendo com que as pessoas vejam a favela de outra forma, como um espaço constitutivo da cidade como qualquer outro.

Jovens moradores locais trabalharão como agentes culturais, contribuindo para haver uma importante mobilização da região. Eles farão ainda monitoria da exposição e das intervenções artísticas, sob coordenação da Redes da Maré.

Leticia Monte, da Espiral Criação e Produção e diretora artística do projeto, afirma que as atividades pensadas para o centro cultural Bela Maré podem contribuir, a curto, médio e longo prazo, na formação de público para as artes visuais, assim como na formação de técnicos em montagem, produção, educadores, artistas e curadores.

“A região apresenta pouca oferta de equipamentos culturais e esta iniciativa traz novas oportunidades

para a população. Na primeira ação do Bela, o ‘Travessias’ traz uma exposição coletiva que apresenta uma diversidade importante de linguagens, de pessoas, de interesses, para se começar a estabelecer uma conexão com as artes visuais, ajudando a contribuir para a constituição das atividades desse espaço”, afirma Leticia.

Para a curadora Luisa Duarte, o papel do artista visual e da arte contemporânea brasileira é fundamental nesse processo de integração urbana e estética que precisa ser construído. “O projeto propõe a incorporação da favela da Maré e de seus moradores no mapa das artes visuais e no mapa das nossas práticas culturais como agentes criadores e questionadores dos mesmos princípios e ideias que circulam em outros territórios”, ressalta.

No dia 8 de setembro, um grupo de artistas visitou os locais das exposições. Depois de um delicioso almoço feito pela Galega, na Principal, o grupo percorreu as ruas e foi conhecer o Bela Maré. Estiveram aqui Alexandre Sá, Alex Topini, do Filé de Peixe, Raul Mourão e Ricardo Carioba, além das equipes de produção.

Uma segunda visita foi realizada no dia 21 de setembro, com outro grupo de artistas, que também fez o percurso da exposição. Estiveram Marcos Chaves, Henrique Oliveira, Luiz Zerbini, Lucia Koch, Rochelle Costi, Emmanuel Nassar e Matheus Rocha Pitta, além dos organizadores e produtores do evento.

O projeto “Travessias” tem patrocínio da Petrobras, via Lei Estadual de Incentivo à Cultura.

O papel do artista visual e da arte contemporânea brasileira é fundamental nesse processo de integração urbana



Divulgação / Observatório de Favelas

“Travessias”

Centro Cultural Bela Maré e adjacências

Ruas Bittencourt Sampaio, Teixeira Ribeiro, Principal e Av. Brasil
26 de novembro a 18 de dezembro

Às quartas e quintas-feiras, das 10h às 18h; às sextas e sábados, das 10h às 21h, e aos domingos, das 14h às 20h.



Davi Marcos

CULTURA

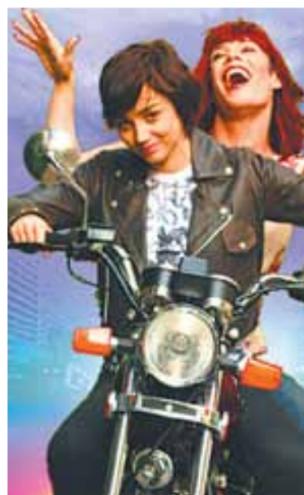
cinema I

Telão no piscinão: Todos os sábados tem exibição gratuita de filmes nacionais, às 19h, no Psiconeclube, instalado em frente à Torre do Chopp, na praça do Piscinão de Ramos. Para distrair o público antes da sessão, há exibição de cliques variados a partir das 18h. A iniciativa é de moradores, entre eles os fotógrafos Davi Marcos e Veri VG, do Imagens do Povo, que contam com o apoio do André da Torre. A turma já exibiu "5 x Favela" e "Tropa de Elite 2", entre outros sucessos nacionais.



Divulgação

cinema II



Divulgação

Sonho e afeto: "Elvis e Madona", com Simone Spoladore e Igor Cotrim, retrata uma história de sonho e amizade, numa comédia com pitada de drama. Bem diferente dos originais cantores, Elvis é uma motogirl entregadora de pizza que deseja ser fotógrafa de jornal; e Madona é um cabeleireiro que tem como ideal criar seu próprio show. Os dois se encontram em Copacabana e o afeto fala mais alto. Assista nos cinemas ou, em breve, nas locadoras. (Texto: Hélio Euclides)

livro

A imprensa conta a história:

"A Última Hora - como ela era", (Ed. Mauad), do jornalista Pinheiro Junior, é a doce e suave lembrança da trajetória desse jornal, fundado em 1951, por Samuel Wainer. O veículo jornalístico foi perseguido e conviveu com a política de uma época das mais conturbadas da nossa história. O livro é uma memória explícita de um jornal cercado de comédias, dramas, farsas e tragédias em suas páginas. "A obra revela algumas situações marcantes do mais importante jornal diário, feito de maneira heróica, de corpo e alma. De fato, o Última Hora era uma arma do povo", conta o jornalista Alcyr Cavalcanti.



Reprodução

show

Consciência Negra com jongo e Abel Düerê: Sábado, 12 de novembro, tem celebração da Consciência Negra na Lona Cultural da Maré, com show de Abel Duêrê, jongo, roda de samba e outras atrações. Abel Duêrê, angolano radicado no Brasil, representa a cultura afro-brasileira através de sua música e história de vida. Seu show mostra a familiaridade do samba brasileiro com os ritmos angolanos semba e kuduro. Na Lona, dia 12/11, a partir das 16h.



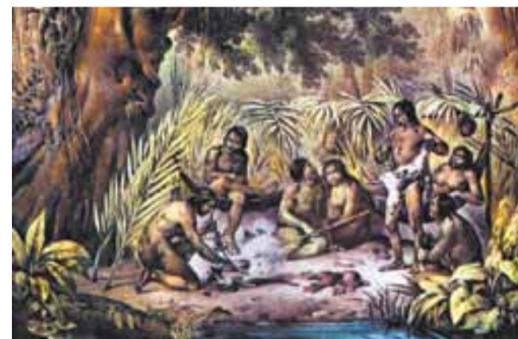
Divulgação

tudo gratuito

Obra completa de Machado de Assis, poesias de Fernando Pessoa, livros infantis de diversos autores, clássicos da literatura nacional como "Os Sertões", de Euclides da Cunha, e muito mais. Tudo gratuito. O site Domínio Público (www.dominiopublico.gov.br), mantido pelo Ministério da Cultura, disponibiliza para download um vasto acervo de livros, vídeos, sons e imagens.

Entre as imagens, estão obras do holandês Vincent van Gogh; pinturas e desenhos do alemão Rugendas, que registrou os costumes do Brasil do século 19; e fotos do 14 Bis, do Santos Dumont, levantando voo.

Mas atenção: as obras não podem ser utilizadas para fins comerciais. A maior parte do acervo está em domínio público por força de lei. A legislação garante direitos patrimoniais do autor por 70 anos (contados a partir de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento). Mas o site também recebe autorização dos que desejam tornar livre suas criações. Por isso, até algumas músicas de rock fazem parte da coleção do site. Vale a pena navegar!



Índios, de Rugendas (Reprodução)

dança

Aulas gratuitas para todas as idades: Está sendo inaugurada neste mês de outubro a Escola Livre de Dança da Maré, que oferece aulas gratuitas para moradores. As opções são variadas: dança criativa (6 a 10 anos), introdução ao balé (a partir de 6 anos), dança contemporânea (a partir de 14 anos), dança de rua (a partir de 12 anos), consciência corporal (adultos), percussão (a partir de 12 anos) e dança de salão (todos as idades). O projeto é uma realização da Redes da Maré em parceria com Secretaria Estadual da Cultura e a Petrobras. As aulas serão no Centro de Artes. **Informações e inscrições: Secretaria da Redes (Rua Sargento Silva Nunes 1012, Nova Holanda). Tel: 3105-5531.**

escola livre de
dança da maré



Lona cultural
Herbert Vianna
PROGME-SE!
TODA A PROGRAMAÇÃO É GRATUITA!



Eventos

Roda de Samba
1º e 3º domingo de cada mês,
de 17h às 21h

Favela Rock Show
14 / Outubro às 20h
Bandas: Algoz, Hakadian e
Mortarium

Sexta às Seis
Toda primeira sexta do mês
(04 de novembro), às 18h
com Palco LIVRE

Forró da Lona
21 / outubro, às 20h
Sexta Preta / Baile Charme

28 de outubro e 25 de
novembro, às 20h
Show
12 de novembro, às 16h
Celebração da Consciência
Negra com show de Abel
Düerê, Jongo, samba e mais.
Programação no blog da Lona

Oficinas

Teatro
2ªs e 6ªs das 19:30h às 21h
Na REDES, a partir de 12 anos

Artes Circenses
2ªs e 4ªs das 14:30 às 16:30h

Capoeira
3ªs e 5ªs das 14 às 16h

Maracatu
4ªs e 6ªs das 10 às 11h30
e de 11h30 às 13h

Cavaco
4ªs das 15 às 17h
e Sábados das 10 às 12h

Violão
4ªs das 15 às 17h
e Sábados das 10 às 12h

Gastronomia
4ªs e 5ªs de 8h30 às 11h30
e de 13h às 16h

Biblioteca Popular Municipal Jorge Amado

Ao lado da Lona Cultural Herbert Vianna, atende a toda a Maré. Ampla acervo, brinquedoteca, gibiteca e empréstimo domiciliar, além de diversas oficinas.

CINEMA NA LONA

Cineclube Rabiola

Às quartas-feiras, 05, 19 e 26
de outubro e 09, 16 e 30 de
novembro

Para as crianças. Consulte a
programação no blog da Lona
ou pelo telefone 3105-6815.

Mostra Cine Carioquinha

De 21 a 25 de novembro

Programação educativa Sob a
curadoria de Carla Camurati,
estimulando o aprendizado por
intermédio do audiovisual.

21, 22, 23 e 24 de outubro, às
17h e 25 de outubro – às 17h e
às 19h



R. Ivanildo Alves, s/n - Nova Maré - Tels: 3105-6815 / 7871-7692

www.lonadamare.blogspot.com - lonadamare@gmail.com

Facebook: Lona da Maré - Orkut: Lona Cultural da Maré

Twitter: @lonadamare

Rua Sargento Silva Nunes, 1012 - Nova Holanda

Piadas



O camarada vinha passando pela porta do Senado, em Brasília, e ouviu a maior gritaria lá dentro:

- Canalha! Bandido! Ladrão! Safado! Imprestável! Corrupto!

Preocupado ele comenta com o segurança:

- Caramba, essa briga tá feia hein?

- Não senhor, disse o segurança, calmo - Estão só fazendo a chamada...



O professor pergunta: O que devo fazer para repartir 11 batatas por sete pessoas?

O aluno responde: Purê de batata, professor!



Tudo tem funk pro Flamengo:

No começo: Bonde sem freio

Depois: Parado na esquina

Agora: Devagarinho tu vai embaixo.... embaixo....embaixo



Qual o cúmulo da economia?

Lavar-se com o sabão que levou do chefe.

Qual o cúmulo da rebeldia?

Morar sozinho e fugir de casa

Qual o cúmulo da lerdeza?

Arremessar na sexta e a bola só cair no sábado

Qual o cúmulo da eletricidade?

Levar um choque ao receber a conta de luz

Qual o cúmulo da velocidade?

Trancar um cofre e jogar a chave dentro

Qual o cúmulo da força?

O governo empurrar os problemas com a barriga



Poesia

Fragmentos da Memória

Admilson Rodrigues Gomes

Relembro o velho mangue
As palafitas de um cenário esperançoso
Com peixinhos que brilhavam nas águas
De uma Baía de Guanabara que ficou nos
antigos cartões postais ainda em preto e branco.

Alguns dos meus velhos sonhos se encontram entre as grandes toneladas de aterro.

Certa vez imaginei um carrinho e deixei-o cair por entre as "gretas" de uma das pontes que ligava o meu barraco ao do meu amigo Zé, e vi a maré levá-lo para o oceano.

Um pequeno sonho de um menino que sonhava ser doutor... O senhor doutor fulano de tal.

Hoje a memória falha, existe apenas fragmentos de uma pequena paz que existiu na Maré numa época em que se cantava "... quanto riso,oh! Quanta alegria..."

A Maré era assim...sem os arranha-céus do mundo moderno mas com a paz e a alegria dos palhaços que se enfeitavam nas palafitas e tinham a grande arte de viver sobre as águas; e como já dizia o grande Tom: "... são as águas de março fechando o verão e a promessa de vida no seu coração".

São memórias minhas, suas talvez, e quem sabe podemos até cantar como Elis Regina a "saudososa maloca".

Meu sonho é ver essa nova Maré coberta de branco como os brancos que se uniram aos negros, aos índios e se tornaram uma só Raça: Brasileiros!

Marca Passo

Samuel Chuengue

No meu peito; coração que bate feito bumbo
No som grunge do Nirvana.

Igual caixa no frevo de Pernambuco.
Lembrando o fervo do carnaval de rua.

No meu peito, oh liberdade!
És minha prisão de ansiedade...

Coração bate-rebate; quase pára.
Paira semelhante ao som.

Pulsando forte violão num samba.

Querendo saber o amanhã; mas não sabe.
Traçando linhas imaginárias, sonhos que sabe-se lá.

Inquieto aqui no peito.
É um punho fechado batendo forte.

Fazendo sangrar por dentro, sabendo,
sem isso não há como seguir.

Centrado

Jefferson S. de Paulo

Teria como descrever
As mil faces da Fome
Todas no tato da vil cegueira
Com seu alcaçuz em lata solvente

Roga por esquecer
No peito o Nada consta
No estômago o Nada possui
Com o Tudo e o nada tão presente

Guerreiro do Centro
Sua Cama Cravejada
Na selva de pedras portuguesas
A metrópole o têm como risco

Pedinte e possuidor
Do poder, medo e o Não
Criando todavia Incentivos
Novas Formas de Orgulho

Sua bainha de Pet
Mosquete de papelão
Suas medalhas Doces e Balas
Para conseguir ter promoção

Mestre do Argumento
Visto como cenográfico
Canastrão no Teatro da Vida
Espelho que fere tua Dignidade

Aos tapas ou desconversas
Seu vadio e repulsivo cheiro
Senil Amargor de minha Hipocrisia
Faz me experimentar a Humanidade